

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JEQUIÉ

Ravena Alves Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
ravena.alves2012@gmail.com

Rosangela Alves de Oliveira Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
rosangelaos@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida numa escola pública do município de Jequié, que buscou verificar e analisar o nível de aprendizagem da língua escrita adquirido pelos seus alunos das turmas de 1º, 2º e 3º anos. Os sujeitos desse estudo foram 55 alunos das referidas turmas. A metodologia da pesquisa pautou-se numa abordagem qualitativa, cuja análise documental fora um dos instrumentos utilizados para levantamento dos dados, além de atividades para diagnóstico de leitura e escrita realizadas pelos sujeitos desse estudo. Para sistematização dos resultados obtidos nessa pesquisa foi feita uma análise quantitativa referente ao nível de aprendizagem dos alunos nos aspectos de leitura e escrita reunindo os dados em categorias a partir das características de expressão da leitura e escrita. Para análise dos dados dessa pesquisa utilizamos como referenciais teóricos pressupostos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1991), Moraes (2012), Cagliari (1997), Mendonça e Mendonça (2007) e (2011), Soares (2003), Vygotsky (1998), Kleiman (2007), entre outros. Os resultados desse estudo revelaram que os alunos participantes dessa pesquisa, estudantes do Ciclo de Alfabetização, apresentaram um baixo nível de proficiência no que tange a aprendizagem da leitura e da escrita considerando o ano de escolaridade em curso. O que nos fez concluir que a alfabetização e o letramento são processos de ensino e aprendizagem complexos que exigem a mobilização das funções psicológicas superiores e, por isso requer uma intervenção pedagógica sistemática, com o desenvolvimento de sequências didáticas organizadas que atenda as necessidades de aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Leitura e Escrita.

1. Introdução

As dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas é hoje um grande problema, visto que boa parte dos alunos das escolas brasileiras não consegue dominar as

competências e habilidades da leitura e da escrita. É uma problemática que envolve diversos fatores, tanto questões de formação de professores, como de políticas públicas, fracasso escolar, entre outros aspectos. É preocupante o número de crianças que passam vários anos na escola e, mesmo assim, não conseguem compreender como funciona o sistema de escrita alfabética, ou seja, saem do Ciclo de Alfabetização sem ler e escrever convencionalmente.

Mediante essa problemática realizamos uma pesquisa com alunos do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), a fim de identificarmos os níveis de leitura e escrita apresentados por eles, para que assim pudéssemos responder à seguinte indagação: Como está o nível de aprendizagem dos alunos no que tange ao processo de aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais de uma escola pública do município de Jequié?

Este artigo tem por proposta apresentar os resultados alcançados a partir da referida pesquisa.

2. O cenário atual da alfabetização no Brasil

O fracasso escolar é um problema que vem sendo constantemente debatido no cenário da educação brasileira. Os índices de baixa proficiência de leitura e escrita dos alunos nos anos iniciais têm assustado toda a sociedade, no entanto, o que tem mais preocupado nos últimos anos é o fato de crianças saírem do ensino fundamental sem conseguirem dominar adequadamente o sistema de escrita alfabética. Nessa perspectiva, Moraes (2012, p. 21) ressalta que “num sistema escolar tão excludente como o brasileiro, o fracasso na “série de alfabetização”, isto é, logo no primeiro ano do ensino fundamental, tornou-se a principal marca de ineficiência de nossa escola”.

Um dos principais problemas da alfabetização atualmente é a carência de metodologias de alfabetização, como salienta Soares (2003^a e 2003^b, apud MORAIS, 2012, p. 24). A partir da década de 1980, houve um processo de “desinvenção” da alfabetização, em decorrência da divulgação e disseminação da Psicogênese da língua escrita e estudos sobre o letramento. A partir desse cenário, proliferou-se muitos equívocos acerca dessas teorias. Um desses equívocos é o de que o professor não poderia intervir no processo de alfabetização da criança, pois ela como construtora do conhecimento aprenderia sozinha.

De acordo com Morais (2012), a partir da década de 80, houve uma grande aversão às antigas formas de alfabetizar, o que fez com que os professores abandonassem as velhas metodologias, como se fosse algo proibido. Assim, não havia uma didática sistematizada de alfabetização, visto que passou a acreditar-se que os alunos aprenderiam a ler e a escrever espontaneamente, apenas com o auxílio de atividades de leitura e produção textual. Dessa maneira, “para a prática da alfabetização, tinha-se, anteriormente, um método, e nenhuma teoria; com a mudança de concepção sobre o processo de aprendizagem da língua escrita, passou-se a ter uma teoria, e nenhum método” (SOARES, 2003, p. 11).

Os Ciclos de Alfabetização foram implantados no Brasil pelo Ministério de Educação (MEC) entre os anos de 2004 e 2006, com o objetivo de sanar o fracasso na alfabetização de crianças. Conforme manual do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) o Ciclo da Alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental:

é um tempo sequencial de três anos (600 dias letivos), sem interrupções, dedicados à inserção da criança na cultura escolar, à aprendizagem da leitura e da escrita, à ampliação das capacidades de produção e compreensão de textos orais em situações familiares e não familiares e à ampliação do universo de referências culturais dos alunos nas diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto, o ciclo de alfabetização foi implantado na Educação Básica a partir da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 com o intuito de alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade. No entanto, Moreno e Rodrigues (2015) sinalizam que a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) realizada em 2014, mostrou que uma em cada cinco crianças brasileiras de oito anos de idade não sabem ler frases. O que constata que mesmo com a instituição desta política o problema do fracasso na aprendizagem de leitura/escrita persiste. Nessa perspectiva, Morais (2012) salienta que:

Muitos educadores passaram a achar não só natural que uma alta percentagem de alunos das redes públicas conclua o primeiro ano sem estar compreendendo a escrita alfabética, como também que o processo de alfabetização pode se “arrastar”, sem que as crianças cheguem ao final do terceiro ano ensino fundamental com um domínio das correspondências grafema-fonema de nossa língua, que lhes permita ler e escrever pequenos textos com autonomia”. (p. 23).

Em consonância a esses dados supracitados, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município de Jequié, cidade onde o presente estudo foi realizado, divulgado em 2015, mostrou a partir de resultados da Prova Brasil a média de 3,8 das crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental avaliando os aspectos de leitura, escrita e cálculo numa escala de 0 a 10. Isto nos revela um índice muito abaixo do IDEB da rede pública de ensino brasileiro, o correspondente à 5,3. Isto quer dizer que assim como a educação no Brasil em geral precisa melhorar, a do município de Jequié está abaixo da Média Nacional e distante do que se considera adequado para os referidos anos de escolaridade.

Diante dessa problemática, percebemos a importância de uma metodologia sistemática de alfabetização que contemple também o letramento. As discussões sobre a alfabetização e letramento constituem-se como processos indissociáveis que precisam e devem caminhar lado a lado, tendo em vista que a alfabetização consiste no conhecimento do código escrito, o aluno sabe ler e escrever, enquanto o letramento designa a função social da leitura e da escrita, sendo um processo amplo em que o sujeito é capaz de fazer uso da escrita em diversas situações do cotidiano.

Nesse sentido, Mendonça e Mendonça (2011, p. 37) ressaltam que: “a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos”. Antes mesmo de adentrar o espaço escolar a criança tem ideias e faz hipóteses sobre o código escrito. Compreende-se então a importância da inserção das práticas de letramento na escola, pois segundo Kleiman (2007):

é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (p. 4).

É importante que nos espaços escolares, os professores desenvolvam o trabalho de leitura e escrita, pois as crianças já chegam à escola com conhecimentos em relação à cultura letrada, tornando-se imprescindível que o educador realize esse trabalho com a utilização de recursos,

como textos, com diferentes gêneros textuais, leitura de revistas, cartas, jornais e produções de bilhetes, entre outros, para a aprendizagem e a integração da criança no mundo letrado.

O processo de letramento refere-se ao conjunto de práticas que modificam a sociedade, é mais que alfabetizar, consiste em ensinar a ler e escrever num contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e que leve em consideração a vida do aluno, seus conhecimentos (ALMEIDA; FARAGO, 2014). Ainda segundo as autoras:

A construção da linguagem escrita na criança faz parte de seu processo geral, se dá como um trabalho contínuo de elaboração cognitiva por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação que a escrita tem na sociedade (p. 209).

Assim, é notável a importância do papel da escola e dos professores no direcionamento do trabalho da leitura e da escrita, visto que a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever. É preciso que o professor alfabetize letrando, que utilize diversos textos, desenvolvendo ações significativas de aprendizagem sobre a língua, proporcionando ao aluno a interação com a escrita. Implica levar para a sala de aula uma grande diversidade textual que leve a criança a refletir sobre a escrita (ALMEIDA; FARAGO, 2014).

Isto posto, é importante que a escola tenha consciência da complexidade do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, levando em conta que a criança só aprende aquilo que faz sentido para ela. A alfabetização a partir da repetição de letras e sílabas não dá conta da aquisição do sistema de escrita alfabética, visto que esse necessita de habilidades mais sofisticadas como sinalizam Mendonça e Mendonça (2011):

A escrita se apresenta como um conjunto de habilidades adquiridas no campo linguístico. Para que aconteça, é necessário relacionar as unidades de sons da fala aos símbolos gráficos e, para complementar, é preciso ter a habilidade de expressar as ideias sabendo organizá-las na língua escrita. A escrita é a habilidade do sujeito em transcrever a fala, obedecendo a uma série de características discursivas específicas da língua escrita, pois falamos de um jeito e escrevemos de outro. (p. 49).

Percebemos a partir disso, que a alfabetização é uma atividade científica em que a criança (re) constrói a língua escrita. De posse desse conhecimento, Mendonça e Mendonça (2011, p. 56)

reforçam que “é urgente a adoção de metodologia adequada para que crianças sejam alfabetizadas em nosso país, assumindo a definição de alfabetização, em sua especificidade, como conjunto de técnicas para exercer a arte e a ciência da escrita”

Para enfrentar o fracasso na alfabetização segundo Soares (2003), é preciso que se compreenda a alfabetização em sua especificidade, como um processo de aquisição do sistema de escrita alfabético e ortográfico. E ainda que a alfabetização seja desenvolvida concomitante ao letramento, além disso, é necessário que haja uma reformulação da formação de professores alfabetizadores.

Portanto, compreendemos que o atual momento está aberto para novas propostas para reconfiguração pedagógica da alfabetização no país. As discussões para isso são amplas e multifacetadas pois o fracasso da escola em alfabetizar envolve muitos aspectos, que partem tanto das microestruturas quanto das macroestruturas. A alfabetização como um fundamental período de formação da criança, deve ser cuidadosamente debatida para que se chegue a soluções mais adequadas para suprir ou amenizar as deficiências recorrentes nesse processo.

Caminho metodológico

O percurso metodológico desse estudo visa abordar os elementos que compõem esta pesquisa como o tipo de abordagem a qual baseou este trabalho, os sujeitos, os instrumentos e a descrição acerca do procedimento de análise dos dados.

Para a coleta dos dados desse estudo foram realizados como procedimentos a análise documental das atividades de leitura e escrita realizadas pelas crianças. Segundo Lüdke e André (1986, p. 38), a análise documental “pode se constituir como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Os documentos analisados foram os diagnósticos da lecto-escrita realizado pelas estagiárias, entre elas a pesquisadora desse estudo, nos dias 03 e 04 de novembro de 2016, com os alunos das três turmas por meio de atividades que exigiam que as crianças refletissem sobre o processo de leitura e escrita, já que não eram atividades de memorização ou cópia. Nessas atividades as crianças tiveram que diferenciar letras

minúsculas de letras maiúsculas; letras de números e de sinais gráficos, completar letras e sílabas faltosas e escrever palavras tendo como referência auto ditado de imagens. O autoditado foi uma atividade muito enriquecedora para a pesquisa, visto que foi a partir desse instrumento que identificamos o real nível de escrita de cada criança, já que elas nessa situação escreviam à sua maneira, sem qualquer interferência, pensando e refletindo.

Nossos informantes da pesquisa foram os alunos das três turmas que estão em processo de alfabetização de uma determinada escola do município de Jequié. No total foram 55 alunos informantes desta pesquisa, com faixa etária entre 6 e 9 anos de idade.

Para isso, foi realizada uma análise do diagnóstico de leitura e escrita das crianças do 1º, 2º e 3º anos estudantes dessa escola. A análise dos dados obtidos foi feita com dados quantitativos ilustrados em forma de gráficos, a partir dos resultados obtidos na execução de algumas atividades desenvolvidas pelas estagiárias do curso de Pedagogia que tinham como objetivo levantar o nível de aprendizagem dos alunos no processo de aquisição da leitura e escrita tendo como referência alguns teóricos que pesquisam sobre a alfabetização e letramento.

O diagnóstico de leitura das crianças, usado como documentos de análise, foi realizado através da leitura individual do texto “A bailarina” de Cecília Meireles, em que pudemos notar o nível apresentado pela turma no que tange o processo de leitura, compreensão das sílabas, decodificação dos sinais gráficos e compreensão leitora. Cada criança foi avaliada individualmente.

Os caminhos de aprendizagem do processo de aquisição da leitura e escrita percorridos pelos alunos do ciclo de alfabetização.

Os resultados da investigação se pautaram no intuito de verificar o nível de aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Jequié.

A aquisição do sistema de escrita alfabética é um processo complexo, em que a criança modifica suas funções psicointelectuais e ativa novos processos mentais. A criança nesse processo como afirmam Luria (1988), Ferreiro e Teberosky (1991) passa por um longo caminho até compreender como funciona a língua escrita. A criança faz hipóteses a respeito da língua

escrita. A partir dessas hipóteses identificadas por Ferreiro e Teberosky, pudemos coletar os dados para compor esta pesquisa.

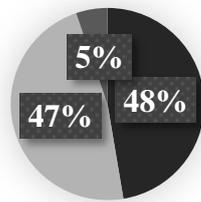
Para identificarmos os níveis de leitura e escrita realizamos os diagnósticos com três turmas do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos): a turma A, turma de primeiro ano; a turma B, turma de segundo ano; turma C, turma de terceiro ano. Os dados coletados foram apresentados em gráficos com dados quantitativos para dar um parâmetro percentual do nível de aprendizagem dos alunos, depois de mais de 150 dias letivos desenvolvidos, totalizando um percentual de 75%, visto que o ano letivo estava findando.

Caminhos de aquisição da escrita - Turma A

Nesta turma havia vinte e um alunos matriculados, no entanto, quando foi feito o diagnóstico havia dezenove alunos em sala. Verificamos inicialmente o nível de escrita desses alunos a partir de atividades para completar palavras com sílabas ou letras, atividades de auto ditado ilustrado, e de ditado sem ilustrações, em que foi pedido que escrevessem tanto palavras dissílabas quanto trissílabas. As atividades de autoditado ilustrado consistiam num exercício no qual as crianças observavam as figuras relacionadas a um determinado tema e escreviam o nome da figura a sua maneira, pensando e refletindo sobre quais seriam os símbolos da escrita que usariam para escrever. As crianças escreviam da maneira que imaginavam. Já o ditado sem ilustrações, se refere à um exercício em que a professora cita palavras para que os alunos escrevam também da maneira que acreditam que se escreveria as palavras.

Assim, de dezenove alunos na sala de aula, nove alunos **não escreveram convencionalmente** (pré-silábico/ silábico), nove alunos **apresentaram escrita em desenvolvimento** (silábico-alfabético) e um aluno apresentou **escrita alfabética**, conforme ilustrado no gráfico 1:

Gráfico 1 - Nível de escrita dos alunos da turma A



- Alunos com escrita não-convencional
- Alunos com escrita em desenvolvimento
- Alunos com escrita alfabética

Fonte: Dados levantados pela pesquisadora na análise dos documentos feitos a partir do diagnóstico de escrita em novembro de 2016.

Notamos que metade da turma é composta por **alunos que não escreviam convencionalmente**, o que correspondiam a 48% dos alunos. Estas crianças encontravam-se no nível pré-silábico e silábico, isto é, ainda não compreendiam como funcionava o sistema de escrita alfabética. Um desses alunos ainda escrevia garatuñas, um outro grafava utilizando as letras de maneira aleatória e o restante grafava uma letra para cada sílaba, alguns com correspondência sonora, outros não.

Notamos que nove crianças apresentaram **escrita em desenvolvimento**, ou seja, estão no nível silábico-alfabético. Quando a criança começa a perceber que precisa colocar mais letras para formar uma sílaba, começa a sua transição para o nível alfabético. Neste momento, a criança se encontra no nível silábico-alfabético. Este nível se caracteriza pela alternância da criança entre a escrita silábica e a alfabética, ora escreve uma letra para cada sílaba, ora a palavra completa. (MENDONÇA E MENDONÇA, 2007, p. 46-47).

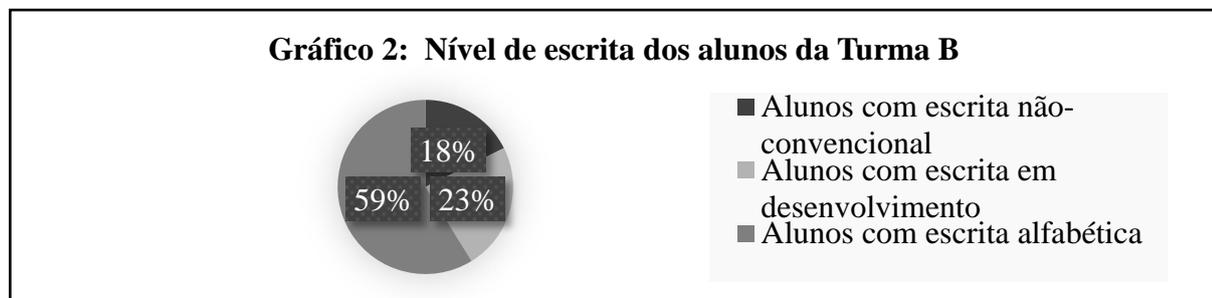
De todas as crianças presentes na sala, apenas uma apresentou a **escrita alfabética** com erros ortográficos. Neste nível de aprendizagem o aprendiz já consegue perceber que vogais e consoantes, são unidades menores que constituem a sílaba. A criança já consegue corresponder corretamente letras e sons, no entanto, pode ter conflitos quanto à ortografia das palavras, já que nem sempre o som representa a grafia da palavra.

Mediante esses dados, concluímos que na turma apenas 5% conseguiam compreender como funcionava a escrita convencionalmente. Isso mostra que há a ser repensado no processo de ensino do código escrito, visto que as crianças tiveram um ano para aprenderem a escrever, mas em novembro apenas uma criança conseguiu dominar a escrita apresentando erros ortográficos. Se a maioria não conseguiu aprender é provável que muitos aspectos interferiram nesse processo

como a falta de acompanhamento da família nas atividades escolares, a indisciplina de alguns alunos, a falta de confiança dos alunos em si mesmos, a falta de contato com um meio letrado, a baixa regularidade de frequência às aulas e a não sistematização do ensino entre outros prováveis aspectos, a exemplo do método de ensino adotado pela professora.

Caminhos de aquisição da escrita - Turma B

A Turma B era composta por dezenove alunos no total, no entanto, quando foi aplicado o diagnóstico, apenas dezessete alunos estavam presentes. No gráfico 2 são apresentados os dados de aprendizagem no processo de aquisição da escrita desse grupo.



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora na análise dos documentos feitos a partir do diagnóstico de escrita realizado em novembro de 2016.

Na análise do diagnóstico de escrita notamos que três alunos produziram escrita não-convencional (silábica), o que equivale à 18%, quatro alunos apresentaram escrita em desenvolvimento (silábico/alfabética) o equivalente a 23%. E dez dos alunos produziram escrita alfabética com erros ortográficos, o que corresponde a 59%.

Os alunos que não escreviam convencionalmente foram uma minoria em relação aos demais. Não houve alunos na fase pré-silábica. Os três alunos que apresentaram escrita não-convencional estavam no nível silábico.

A maior parte da turma se encontra no nível **alfabético** de escrita. Isso mostra que em dois anos já cursados apenas 59% conseguiram decifrar o código escrito, os outros 41% ainda apresentam dificuldades nesse processo.

Os alunos que estão no nível alfabético escrevem com erros ortográficos em revelaram dificuldades em produzir textos e interpretar sentenças simples e, os 41 % que estão em processo

de aquisição da leitura e escrita apresentaram em suas atividades muitos problemas de aprendizagem nesse percurso de apropriação dos códigos linguísticos.

Caminhos de aquisição da escrita - Turma C

No momento do diagnóstico de escrita da Turma C todos os alunos estavam presentes, o que totalizou dezenove alunos. Desses dezenove alunos, dez produziram escrita não-convencional e nove apresentaram escrita alfabética com e sem desvios ortográficos.



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora na análise dos documentos feitos a partir do diagnóstico de escrita em novembro de 2016.

De acordo com o gráfico, é possível perceber que na turma não foram detectados alunos com **escrita em desenvolvimento** (pré-silábica e/ou silábica). É uma turma heterogênea, na qual observa-se dois extremos: aqueles que **não escrevem convencionalmente** e os que já apresentam **escrita alfabética**.

A maior porcentagem foi de alunos com **escrita não-convencional**. As escritas variaram entre os níveis pré-silábico e silábico. Menos da metade da turma produziu **escrita alfabética**. O que mostra que há uma frágil alfabetização no Ciclo de alfabetização dessa escola. As crianças desta turma, supostamente já passaram pelo primeiro ano, pelo segundo ano e pelo terceiro ano e não conseguiram dominar o código escrito. Notamos que pouco se desenvolvem de um ano para o outro.

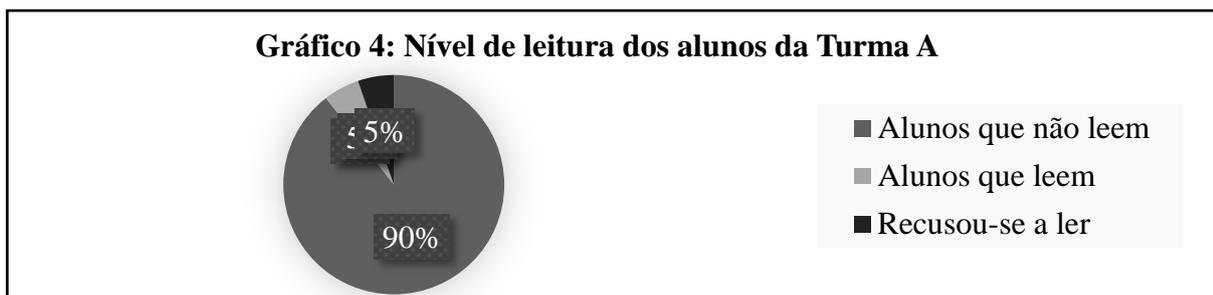
Percebemos nesta turma de terceiro ano que ainda há crianças que produzem escrita pré-silábica, o que é um dado preocupante. Como estas crianças avançaram dois anos sem conseguirem avançar na aprendizagem da escrita? Estas crianças, provavelmente, serão retidas ao

final do ano letivo de 2016, já que o Ciclo de alfabetização se encerra ao terceiro ano do Ensino Fundamental.

Levando em consideração o resultado do diagnóstico de escrita das três turmas, notamos que o processo de aprendizagem no que tange a aquisição da leitura e escrita está atrasado em relação ao que se espera para esses anos iniciais de escolaridade. Percebemos que o resultado mais favorável entre as três turmas foi o da turma B, cuja maioria da turma já consegue escrever, mesmo com alguns erros ortográficos.

Caminhos de aquisição da leitura - Turma A

No diagnóstico de leitura dos alunos, verificamos que de dezenove crianças, quatorze não leem, mas identificam as letras, três não leem e nem identificam as letras, um lê e compreende todas as palavras e um recusou-se a ler, conforme o gráfico 4:



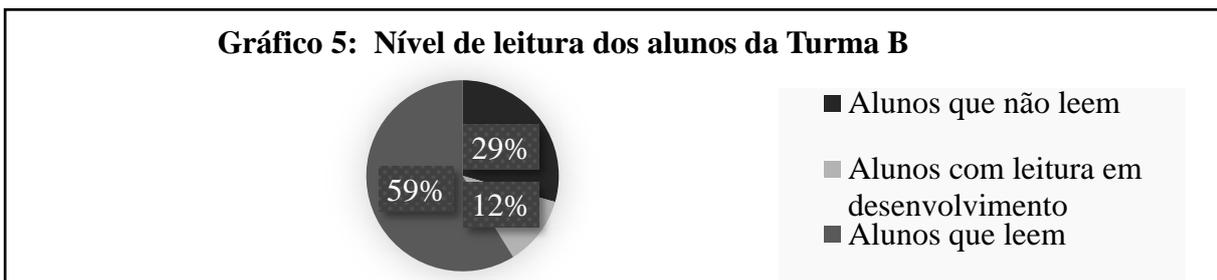
Fonte: Dados levantados pela pesquisadora na análise dos documentos feitos a partir do diagnóstico da leitura em novembro de 2016.

O resultado dessa turma no que diz respeito à aquisição da leitura é inquietante. 90% da turma não conseguem ler. Percebemos a partir desses dados, que as crianças estão mais atrasadas quanto ao nível de leitura do que de escrita, já que a maioria quando lê, só compreende letras isoladas, não conseguindo decodificar as sílabas. Apresenta dificuldades de refletir, pensar sobre o que o código escrito representado.

Caminhos de aquisição da leitura - Turma B

Na avaliação da leitura, na qual foi tomada a leitura de um aluno por vez, percebemos de dezessete alunos, cinco não leram, mas identificaram as letras, o que equivale à 29%, dois alunos apenas decodificaram as sílabas, mas não leram a palavra, o que corresponde à 12% e dez alunos leram e compreenderam todas as palavras, o que representa 59% da turma.

Ao analisarmos os dados da atividade diagnóstica, percebemos que existe uma grande dificuldade referente à leitura em maior parte dos alunos. Apenas 12% da turma já conseguem ler palavras e frases curtas, como ilustra o gráfico 5:



Fonte: Dados levantados pela pesquisadora na análise dos documentos feitos a partir do diagnóstico de leitura em novembro de 2016.

A partir desses resultados, compreendemos a importância de elaborar as intervenções pedagógicas com base nas dificuldades que resultaram em dados levantados frente às atividades desenvolvidas pelas crianças, de modo atender as necessidades de aprendizagem do grupo.

Caminhos de aquisição da escrita - Turma C

A turma C era composta por dezenove alunos, contudo, no dia 04 de novembro em que foi realizado o diagnóstico de leitura, havia dezessete crianças. Diagnosticamos que desses alunos cinco não conseguiram ler, apenas identificaram as letras, nove apresentaram leitura em desenvolvimento e apenas três conseguiram ler e compreender frases com estrutura sintática simples, conforme gráfico 6:



Fonte: Dados levantados na análise pela pesquisadora dos documentos feitos a partir do diagnóstico de leitura em novembro de 2016.

Os alunos com leitura em desenvolvimento tiveram níveis variados de leitura. De nove crianças, três conseguiram apenas decodificar sílabas simples, ou seja, sílabas formadas pela sequência de consoante, vogal, consoante e vogal o que significa que estas crianças possuem dificuldades em ler as palavras complexas com ortografias. Quatro crianças leram e compreenderam algumas palavras, duas leram e compreenderam algumas frases.

Analisando os resultados referentes à leitura, notamos que o nível de aprendizagem é muito baixo. Nenhuma das turmas conseguiram que mais de 50% dos alunos estivessem lendo. São três anos para que as crianças estejam alfabetizadas, de acordo com a proposta da política do Ciclo de alfabetização, no entanto, os três anos não estão sendo suficientes para alfabetizar estas crianças. Em relação a isso, Cagliariari (1989) salienta que:

Ao longo dos últimos anos, o processo de alfabetização foi confundido com tantas coisas estranhas e ficou amarrado a tantas atividades inúteis, que o tempo necessário para um aluno aprender a ler (e a escrever) se espichou demais. O que podia ser feito num semestre passou a ser feito em um ano. Com o ciclo básico, alguns professores passaram a entender que agora o aluno tem dois anos para se alfabetizar, o que é falso. Em alguns casos, contando com a pré-escola e o segundo ano, o aluno leva três anos para se alfabetizar, o que é um absurdo. (p. 110).

Atualizando a afirmativa de Cagliariari de acordo com o Ciclo de alfabetização, atualmente, são três anos para que as crianças estejam alfabetizadas, sem contar o período na pré-escola.

Destacamos também que com base nos dados, as crianças estão mais atrasadas em relação à leitura do que à escrita. Como sinaliza Cagliariari (1997) a maioria das escolas dá mais destaque à escrita do que à leitura, isto porque a escola tem mais facilidade em avaliar os erros e acertos no que tange à escrita, já em relação à leitura a escola sente mais dificuldade, pois não compreende o que o aluno faz quando lê.

Conforme Cagliariari (1997, p. 147), “ler e escrever são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente”. É preciso que as escolas estimulem seus alunos ao ato de ler desde a alfabetização para que eles desenvolvam esse ato ao longo de suas vidas. Ensinando

seus alunos a não só decifrar e a decodificar a escrita, mas mostrar o sentido da leitura para a vida deles.

Os dados em geral, mostram que a maioria destas crianças ainda tem um longo percurso até dominarem as competências da leitura e da escrita. O que significa que elas precisam de uma mediação mais sistematizada e cuidadosa por parte das professoras.

Percebemos que a alfabetização é um momento fundamental na vida de uma criança, visto que é nessa fase que a criança tem a oportunidade de aprender a decifrar o sistema de escrita alfabética, sistema que está presente nos mais variados espaços do cotidiano. A alfabetização é a base para que a criança consiga se desenvolver de maneira adequada e satisfatória ao longo do processo escolar. Uma alfabetização ideal é aquela que oferece condições para que as crianças desenvolvam suas habilidades referentes à leitura e à escrita no contexto das práticas sociais, por meio dos diferentes gêneros textuais. É preciso que o período de alfabetização desenvolva nas crianças o sentido de aprender a ler e a escrever para além do simples “codificar” e “decodificar”, aprendendo a fazer o uso da leitura e da escrita nos mais variados contextos sociais.

Conclusões

Ao longo deste estudo foi possível refletirmos sobre muitos aspectos que permeiam a alfabetização de crianças, bem como o fato de a alfabetização constituir-se como um processo de grande complexidade que necessita de mediação sistemática para sua efetivação com qualidade.

Tendo isto como ponto de partida para análise final, notamos que as crianças, sujeitos dessa pesquisa, em geral não dominavam adequadamente o sistema de escrita, percebemos que o processo de aquisição da leitura e da escrita é um processo difícil. Ao final do Ciclo de Alfabetização (terceiro ano do ciclo de alfabetização) percebemos dados preocupantes dos quais 29% não conseguiram decifrar sílabas, palavras e frases e 53% dos alunos produziram escrita de nível pré-silábico e silábico. São três anos de acordo com a política dos ciclos para que as crianças estejam alfabetizadas, entretanto, como vemos, esta escola não atendeu ao que foi esperado.

O que nos revela que é preciso que as escolas revejam as estratégias de alfabetizar seus alunos. Depois de muitos anos de avanços e retrocessos o ensino da língua escrita continua sendo um problema na educação. É preciso que haja formações iniciais e continuadas mais voltadas para

o professor alfabetizador. O professor alfabetizador precisa ser alguém com conhecimento da Língua Portuguesa, com conhecimentos sólidos e específicos, e que tenha conhecimento sobre o processo que a criança passa até que esteja alfabetizada, além de ter uma maneira sistemática e dialógica de ensinar o sistema de escrita alfabética que contribua para que a criança reflita sobre o que está aprendendo, visto que é um processo de natureza científica e de grande complexidade.

Os professores devem estar atentos para o desenvolvimento da escrita na criança, pois ela dá pistas de como compreende a linguagem escrita. A fase de alfabetização é muito importante na vida da criança, pois é a partir daí que ela progredirá em seu conhecimento sobre a língua. A alfabetização é a base de todo o processo de escolarização, é ela que oferecerá subsídios para que os alunos aprendam novas coisas. E sem uma alfabetização de qualidade, os alunos tornam-se impossibilitados de ir além, limitados, ficam prejudicados nas séries seguintes, a consequência disso será a reprovação ou a evasão escolar, ou ainda, a presença dessas pessoas que mal sabem ler e escrever no Ensino Médio e nas faculdades, repercutindo ainda mais o fracasso escolar.

O resultado desse estudo revelou que os alunos participantes dessa pesquisa, estudantes do Ciclo de Alfabetização, apresentaram um baixo nível de proficiência no que tange a aprendizagem da leitura e da escrita considerando o ano de escolaridade em curso; o que nos fez concluir que a alfabetização é um processo de ensino e aprendizagem complexo e, por essas especificidades, necessita de professores com uma formação mais consolidada nessa referida área, para desenvolvimento de um ensino sistemático com adoção de sequências didáticas organizadas que atendam às exigências pedagógicas do processo de aquisição da leitura e escrita, visando promover uma aprendizagem mais sistemática e significativa nesse percurso de ensino. Isto sem desconsiderar a necessidade do profissional da educação de compreender o aluno como um ser social, cultural, histórico e ativo. Um ser que (re)constrói o seu próprio conhecimento.

Referências:

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de; FARAGO, Alessandra Corrêa. A importância do letramento nas séries iniciais. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP*, 1 (1): 204-218, 2014.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bá-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1991.

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. 2015. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander Romanovich. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 143-189.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correar. **Alfabetização: método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e conseqüências para a alfabetização**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de formação: formação de professores: Bloco 02: Didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2. p. 36-57. (D16 - Conteúdo e Didática de Alfabetização). Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138>. Acesso em: 8 de Dez, de 2015.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORENO, Ana Carolina; RODRIGUES, Mateus. **Uma em cada cinco crianças de oito anos não sabe ler frases, diz MEC [internet]**. São Paulo; Brasília. 17/09/2015 [atualizado em 18/09/2015]. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/uma-em-cada-cinco-criancas-de-oito-anos-nao-sabe-ler-frases-diz-mec.html>. Acesso em: 24/03/2017.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, Apr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782004000100002&lng=en&nrm=iso . Acesso em 24 Jun 2017.